



## O ENCANTO E A LITERATURA: A FANTASIA DE C. S. LEWIS COMO JANELA PARA A REALIDADE

### Enchantment and Literature: C. S. Lewis's Use of Fantasy as a Window into Reality

Giovanna Figueiró Lo Iacono<sup>1</sup>

Eduardo Pereira Machado<sup>2</sup>

**Resumo:** C. S. Lewis (1898 – 1963), célebre acadêmico de Oxford e Cambridge, foi um dos grandes nomes da literatura do século XX. Esse período foi marcado por significativas mudanças: a desilusão do pós-guerra fomentava a produção de uma literatura de cunho mais pessimista, enquanto as novas concepções de conhecimento, ciência e seus avanços estimulavam uma visão de mundo mais cientificista. No entanto, a postura adotada por autores como C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien vai em outra direção: difere daquela que vê a fantasia como escapismo. Baseando-se nos “três transcendentais” – Beleza, Bondade e Verdade –, o artigo busca analisar o potencial da fantasia, defendido por Lewis, no processo de reencantamento do mundo. Adota-se uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico e analítico, fundamentada na leitura interpretativa da obra *A Abolição do Homem*, e também em textos teóricos e críticos sobre a filosofia e a literatura de Lewis e Tolkien. A análise articula o pensamento filosófico de Lewis sobre valores objetivos e transcendência com a dimensão estética e simbólica de sua produção literária, examinando de que modo a fantasia pode funcionar como um instrumento de mediação entre razão, emoção e imaginação. Conclui-se que a fantasia literária, longe de ser mero escapismo ou alegoria, oferece uma visão mais rica e complexa da existência humana e de suas relações com a realidade, mantendo-se relevante nos debates literários e pedagógicos atuais.

**Palavras-chave:** Fantasia. Encanto. Cientificismo.

**Abstract:** C. S. Lewis (1898–1963), a renowned Oxford and Cambridge scholar, was one of the major literary figures of the twentieth century. This period was marked by significant changes: post-war disillusionment fostered the production of a more pessimistic literature, while new conceptions of knowledge, science, and its advances encouraged a more scientific worldview. However, the stance adopted by authors such as C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien goes in a different direction: it contrasts with the view of fantasy as mere escapism. Based on the “three transcendentals” – Beauty, Goodness, and Truth – this article aims to analyze the potential of fantasy, as advocated by Lewis, in the process of re-enchanting the world. The

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharel em Filosofia pela mesma Universidade e Licenciada em Letras – licenciatura com habilitação em português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Orcid <https://orcid.org/0009-0004-6952-3376>. E-mail: [gilioacono3@gmail.com](mailto:gilioacono3@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2009), Especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (2005) e Licenciado em Letras pela mesma Universidade (2003). cursou a parte curricular do Doutorado em Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra, o que lhe conferiu, pela universidade portuguesa, o Diploma de Especialização Avançada em Estudos Clássicos (2014). Professor e Coordenador do Curso de Letras da Universidade La Salle, Professor da Universidade do Vale dos Sinos, do Colégio Leonardo da Vinci – Gama e do Colégio Leonardo da Vinci – Beta. Orcid <https://orcid.org/0000-0003-3485-1949>. E-mail: [dudukuks@hotmail.com](mailto:dudukuks@hotmail.com).

research adopts a qualitative methodology of a bibliographic and analytical nature, based on an interpretative reading of the work *The Abolition of Man*, as well as on theoretical and critical texts concerning the philosophy and literature of Lewis and Tolkien. The analysis articulates Lewis's philosophical thought on objective values and transcendence with the aesthetic and symbolic dimensions of his literary production, examining how fantasy can function as an instrument of mediation between reason, emotion, and imagination. It concludes that literary fantasy, far from being mere escapism or allegory, offers a richer and more complex view of human existence and its relationship with reality, remaining relevant in contemporary literary and pedagogical debates.

**Keywords:** Fantasy. Enchantment. Scientism.

## 1 Introdução

*Esperando Godot* (1952), de Samuel Beckett, é um dos grandes expoentes do chamado *teatro do absurdo*. A peça, através da situação de anseio e espera ilusórios em que ficam os protagonistas Vladimir e Estragon, apresenta ao leitor/espectador a “visão do homem abandonado num mundo vazio, expondo um chocante desamparo da condição humana” (Girola, 2011, p. 56). O efeito de desilusão no período do pós-guerra havia gerado uma série de mudanças nas produções literárias do ocidente, sendo os aspectos de ordem niilista e existencial os que tiveram predominância no que viria a se tornar o desenvolvimento da literatura moderna e contemporânea<sup>3</sup>. A ausência de sentido e o desamparo metafísico em que se encontra o ser humano se tornam, então, temáticas centrais de grande parte da produção literária desse novo tempo. Onde ficaria, em meio a tudo isso, o papel da fantasia como gênero literário? Talvez fosse desprezada por ser vista como “perda de tempo” – chamada, possivelmente, de literatura “para crianças” – em um período de evidente racionalismo e progresso científico, ou fosse até mesmo acusada de proporcionar um escapismo oportunista em um momento de fragilidade e medo ocasionado pelos horrores da guerra.

Como bons apologetas de seu gênero, Clive Staples Lewis (1898 – 1963) e John Ronald Reuel Tolkien (1892 – 1973) defendiam não apenas a legitimidade do gênero *fantasia*, mas também o caráter fundamental da literatura para o ser humano. Em seu trabalho biográfico sobre o autor de *As Crônicas de Nárnia*, Alister McGrath (2013, p. 292) escreve:

Para Lewis, a narrativa de Nárnia tem a capacidade de novamente encantar um mundo desencantado. Ela nos ajuda a imaginar o nosso mundo de maneira diferente. Não se trata de escapismo, mas sim de discernir níveis mais profundos de significado e valor naquilo que já conhecemos. Como Lewis ressaltou, os leitores desses seus livros infantis não desprezam “os bosques verdadeiros” porque leram sobre “bosques encantados”; pelo contrário, sua nova maneira de ver as coisas “torna todos os bosques verdadeiros um pouco encantados”.

---

<sup>3</sup> Autores brasileiros como Nelson Rodrigues, com sua postura provocativa e desconstrutiva, e Rubem Fonseca, com sua falta de esperança e desmistificação da realidade, trilharam, talvez, o caminho natural de um realismo exacerbado e fortemente defendido por um movimento que propunha uma outra compreensão do fazer literário em contraposição ao romantismo predominante até então.



Histórias de fantasia seriam, na verdade, como uma janela para a própria realidade, “algo capaz de ampliar a nossa visão” a seu respeito: embora os leitores de suas crônicas saibam que elas são fictícias, “os livros dessa coleção parecem estar mais de acordo com a realidade do que muitas obras supostamente realistas” (Mcgrath, 2013, p. 295). Gabriele Greggersen (2003, p. 54), autora de *A antropologia filosófica de C. S. Lewis*, aponta em seus trabalhos que, tanto para Lewis como para Tolkien, a imaginação era um mediador fundamental na busca pela verdade, e que, com isso, “eles se colocavam contra o pensamento predominante de sua época, pautado pelo racionalismo e o iluminismo acadêmico”. Acerca de uma possível relação dessa imaginação e a ideia de “escapismo”, Gregory Bassham – organizador e editor de *As Crônicas de Nárnia e a filosofia: o leão, a feiticeira e a visão de mundo* – argumenta a favor do afirma ser um “escapismo saudável” que a fantasia desses dois grandes autores ofereceria. Em seu artigo intitulado *Lewis and Tolkien on the power of imagination* (“Lewis e Tolkien sobre o poder da imaginação”), ele escreve:

A fantasia pode ajudar a reencantar o mundo comum, evocar pontadas de “alegria” que nos apontam para o céu, restaurar a “potência” das verdades espirituais e, como Tolkien sugere, satisfazer desejos profundamente enraizados em nós de participar da função propriamente humana de “subcriação” (Bassham, 2017, p. 314, tradução nossa).

As ideias expostas até aqui se materializam em um complexo relacionamento através dos chamados “três transcendentais” que servem de fundamento para as produções de Lewis (Kreeft, 2017, tradução nossa): beleza, bondade e verdade. Os enredos do autor são intencionalmente encharcados de valores, tanto estéticos quanto morais, e ao mesmo tempo admitem uma ideia objetiva de verdade. Dessa forma, por mais que possa haver uma possível resposta desses dois reconhecidos escritores a alguns dos dilemas de seu tempo, o presente traz consigo novas questões. Diante dos atuais debates acerca da arte e do fazer literário – a defesa de uma literatura que lide com o ser humano em sua realidade e complexidade – e as polêmicas em torno da “pedagogização/moralismo” de certas narrativas, como poderíamos enxergar o autor de *As Crônicas de Nárnia*?

A partir desse quadro, procura-se, neste artigo<sup>4</sup>, evidenciar a postura com a qual C. S. Lewis responde às questões culturais de seu tempo no que tange à literatura fantástica e ao relacionamento do ser humano com a realidade que o cerca, assim como se busca articular uma defesa do fazer literário do autor e o seu compromisso com os “três transcendentais” diante dos debates atuais envolvendo tais noções. Inicia-se com a reconstrução do argumento do autor em sua palestra intitulada “Homens sem peito”, na qual C. S. Lewis critica o ensino de literatura das escolas inglesas de sua época, enfatizando a importância das emoções para o conhecimento de valores objetivos e o trato com a realidade. A partir disso, será explorada a noção de “encantamento” do mundo e a sua ligação com a literatura de Lewis, que desemboca na relação dos “três transcendentais” e na potência do gênero de fantasia defendida por ele e Tolkien. Por fim, pretende-se defender a fantasia do autor, não como mera alegoria ou moralismo/pedagogia, mas como a concretização de uma literatura que reflete a complexidade do ser humano e de seu relacionamento com aquilo que nomeamos como belo, bom e verdadeiro.

---

<sup>4</sup> Algumas das ideias aqui desenvolvidas aparecem no trabalho intitulado “Valores em um mundo encantado: uma leitura de A abolição do Homem de C. S. Lewis” (Lo Iacono, 2025), onde discorreremos acerca dessa primeira palestra assim como das outras duas que fazem parte da obra. No presente artigo, detemo-nos à primeira palestra.

## 2 Cachoeiras, valores e um livro verde

No ano de 1939 foi publicado um novo livro didático de língua inglesa chamado *The control of language: A critical approach to reading and writing* (“O controle da linguagem: uma abordagem crítica à leitura e à escrita”). Nele, Alec King e Martin Ketley – dois estudantes australianos da Universidade de Cambridge – elaboram uma questão baseada na então famosa história de Samuel Taylor Coleridge junto à queda d’água. Segundo essa narrativa, havia dois turistas que contemplavam a cachoeira: enquanto um a chamou de “sublime”, o outro a chamou de “bela”. Diante da divergência de opiniões, Coleridge teria reagido com horror à opinião do segundo, enquanto optava por endossar mentalmente a opinião do primeiro. Sobre essa situação, os estudantes ensinam o seguinte:

Quando o homem disse *Isso é sublime*, parecia fazer uma observação sobre a queda d’água... Na verdade... Ele não fez nenhum comentário sobre a cachoeira, mas uma observação sobre os seus próprios sentimentos. O que ele realmente quis dizer foi *Na minha cabeça, os meus sentimentos têm a ver com a palavra sublime*. Em suma *Tenho sentimentos sublimes* (Lewis, 2017, p. 12, grifo do autor).

É a partir desse caso que C. S. Lewis inicia sua palestra intitulada “Homens sem peito”, uma espécie de anamnese para as próximas duas palestras: o diagnóstico e o prognóstico da educação inglesa. Não é à toa que o argumento parte desse ponto: a preocupação com uma possível falta de atenção para com os livros-texto que vinham sendo utilizados didaticamente no ensino básico (Lewis, 2017) está presente no discurso do autor desde a sua primeira linha. Apelidando Alec King e Martin Ketley, respectivamente, de Gaio e Tito e o seu livro de “o livro verde”, Lewis inicia sua crítica a uma série de problemas que, segundo ele, o ensino desses professores carregava.

Para C. S. Lewis (2017, p. 13), dois pontos ficam, a princípio, em evidência na explicação dada pelos autores: (1) a tese de que todas as sentenças que contenham “um juízo de valor” seriam declarações sobre estados emocionais do emissor, logo, subjetivas. Já o (2), dentro de uma cosmovisão moderna do saber, seria, pois, a consequência de (1): “todas as declarações desse tipo carecem de importância”. Isso fica explícito se damos seguimento à explicação dos professores. Segundo Lewis (2017, p. 12), eles continuam: a confusão se mantém presente em nosso linguajar cotidiano. Parece que estamos dizendo algo muito importante sobre alguma coisa quando, na verdade, estamos apenas dizendo algo referente aos nossos próprios sentimentos.

Apesar de outras possíveis falhas de ordem lógica no argumento dos autores, a questão mais prejudicial, de acordo com Lewis (2017, p. 14), está no fato de que esse tipo de ensino acarretará o desenvolvimento de uma série de pressupostos problemáticos que condicionarão o aluno em relação à subjetividade de valores como um todo, assim como ao desprezo por sentimentos e emoções. O aluno está vulnerável, “supõe estar se preparando para as provas de inglês e não tem noção de que a ética, a teologia e a política estão em jogo”. Obviamente, tratar todos os juízos de valor da mesma forma como “sublime” foi tratado pode nem ter sido a intenção dos autores – no entanto, esse é o efeito que seu ensinamento terá na mente do aluno, como uma dedução quase que inconsciente,<sup>5</sup> segundo Lewis (2017, p. 14). Diante disso, sua preocupação não é infundada:

---

<sup>5</sup> Lewis deixa claro, inclusive, que os próprios autores do livro verde seriam vítimas de uma educação que estabeleceu pressupostos filosóficos que, agora, orientam o seu educar.



Não se trata de uma teoria sendo inculcada em sua cabeça, mas de um pressuposto que, daqui a mais dez anos, quando suas origens estiverem esquecidas e sua presença for inconsciente, irá condicioná-los a tomar um posicionamento na controvérsia, a qual ele nunca reconhecerá sequer como controvérsia.

Em sua argumentação acerca dos fundamentos filosóficos de Gaio e Tito, Lewis aborda uma série de exemplos de metáforas utilizadas em questões literárias, como é o caso da citação de uma propaganda de um cruzeiro marítimo. Ela anunciava que seus navegantes teriam a oportunidade de transpor o Oceano Atlântico por onde Drake de Devon<sup>6</sup> navegou em busca do tesouro das Índias e, assim, levar para casa um “tesouro de momentos dourados e cores cintilantes” (Lewis, 2017, p. 15). Sobre o exemplo, Gaio e Tito seguem a ideia de que as águas que foram navegadas pelo explorador não seriam, de fato, as mesmas que o cruzeiro navegaria, ou seja, dedicam-se a falar da oposição entre os fatos/realidade e a linguagem metafórica. É aqui que Lewis (2017, p. 15) começa a demonstrar o grande nível de importância e o seu forte comprometimento com a temática das emoções. Ele não apenas critica a péssima escolha do texto por este apresentar uma “exploração banal e sentimentalista das emoções de veneração e prazer que as pessoas sentem quando visitam lugares muito associados à história ou lendas”, mas também a abordagem filosófica que Gaio e Tito fazem uso ao lidar com o ensino da metáfora. Lewis demonstra que eles poderiam ter se valido de uma série de exemplos de passagens literárias a fim de ensinarem de fato “literatura”, em vez de de propaganda filosófica. Em vez de abordarem a diferença entre metáforas boas e ruins, por exemplo, em uma aplicação prática de racionalismo, eles acabam por incitar o desprezo pela linguagem e o menosprezo pelo texto: “Por que essa combinação diante deles é má, enquanto outras, que poderiam ser acusadas das mesmas coisas, são boas, ele não explica” (Lewis, 2017, p. 18).

Mais uma vez, um pressuposto e suas conseqüentes deduções serão fomentados na mente do aluno, agora no que diz respeito à irracionalidade de emoções relacionadas a lugares. Segundo o autor, o tipo de aluno que essa educação irá produzir é, em vez do homem de real e verdadeira sensibilidade, um “primata civilizado” (Lewis, 2017, p. 19). O uso extremo da terminologia é intencional: para esse aluno, a única forma correta de conceber o Oceano Atlântico é puramente racional, ou seja, como não sendo nada mais nada menos do que toneladas de água salgada e gelada. No entanto, essa interpretação não fica restrita a lugares. Dentro da compreensão naturalista que é aqui criticada, a natureza como um todo perde seu “encantamento”<sup>7</sup> ou “misticidade”. Existe um aspecto transcendente em nosso relacionamento como seres humanos com a realidade por meio da literatura que está sendo “podado” pelas práticas educacionais do livro verde.

A pergunta que fica é qual seria, então, a proposta de educação que C. S. Lewis ofereceria nessa situação. No entanto, antes de responder a esse questionamento, ele opta por sugerir outra hipótese acerca das motivações que orientam as ações de Gaio e Tito: eles poderiam querer instaurar uma nova ordem de valores, sobrepujando a que antes se estabelecia. Essa motivação estaria diretamente relacionada com a forma como a modernidade passou a enxergar a ideia de “valores” – sejam eles morais ou não, como vimos no exemplo de Coleridge junto à queda d’água: uma forma que rejeita a sua objetividade. A tese predominante é a de que são uma contínua construção histórica, ou seja, que são acidentais, contingentes. Dentro de uma realidade isenta de transcendência, é totalmente plausível enxergar o mundo “como um

<sup>6</sup> Francis Drake (1544-1596), famoso explorador inglês que ajudou a ampliar o poder da Inglaterra durante o reinado de Elizabeth I (Lewis, 2017, p. 113).

<sup>7</sup> As próximas duas palestras, “O caminho” e “A abolição do homem” procuram argumentar na direção dessa tese.

composto de processos de causa e efeito sem qualquer significado senão aquele que as pessoas escolhem conferir” (Turley, 2018, p. 26). A beleza, por exemplo, é, agora, um valor construído pelo conhecedor e sobreposto, então, a um mundo impessoal, o que difere de uma compreensão da realidade onde a beleza seria um valor autônomo que existe independentemente do conhecedor (Turley, 2018, p. 13). A fim de oferecer sua resposta, é na contramão dessa filosofia que Lewis volta seu olhar.

Retomando o caso dos dois turistas junto à queda d’água, Lewis (2017, p. 21). afirma o seguinte:

A razão por que Coleridge concordou com o turista que chamou a catarata de sublime e discordou daquele que a chamou de bela foi, óbvio, por acreditar que a natureza inanimada era tal que certas respostas pudessem ser mais “justas” ou “ordenadas” ou “apropriadas” do que outras. [...] O homem que chamou a catarata de sublime não tinha a simples intenção de descrever as suas próprias emoções; ele também estava reivindicando que esse objeto era algo que *merecia* esse sentimento.

Lewis (2017, p. 23) volta, aqui, seu olhar para a concepção clássica grega da relação de conformidade que existiria entre o ser humano e uma ordem ou realidade cósmica maior, o que ele opta por chamar de *Tao*<sup>8</sup>, “a realidade que vai além de todas as situações”, uma realidade que nos apresenta “valores objetivos”. A sua diferença para com a concepção apresentada pelo livro verde pode ser muito bem descrita pelo que escreve o professor C. Higgins em sua contribuição para o *Journal of Philosophy and Education Society of Great Britain* (“Revista de Filosofia e Educação da Sociedade da Grã-Bretanha”): “Nós, modernos, tendemos a dizer que algo é bom porque o valorizamos, uma inversão crucial e altamente problemática da ideia encontrada nos antigos de que estimamos algo por causa de sua bondade” (2010, p. 221, tradução nossa)<sup>9</sup>. É exatamente nesse sentido que Lewis procura demonstrar o valor e importância do papel das emoções e dos sentimentos em nossa constituição como seres humanos. Na busca pela verdade, diferentemente do que pregava o racionalismo e o cientificismo da época, os sentimentos, aos quais é atribuída a figura do “peito”, possuíam um papel fundamental.

No entanto, ao colocar a razão em oposição à emoção, Gaio e Tito estão delegando a esta um lugar fora do âmbito de qualquer possibilidade de verdade. Como evidencia Lewis (2017, p. 25), as emoções seriam tão “não racionais” – no mesmo sentido que algo seria amoral, e não imoral – quanto eventos físicos, ou seja, “não se elevam nem mesmo à dignidade de serem um erro”. É importante destacar que isso parece não condizer com a forma como enxergamos reações humanas no dia a dia. Diante de um caso de racismo ou algum outro tipo de violência, por exemplo, parece natural esperar que as pessoas reajam de um determinado modo não apenas por elas saberem “racionalmente” que discriminação racial é crime – quase que “por dever”. Espera-se um tipo correto, também, de reação emocional – horror ou nojo, por exemplo. Jamais alegria ou contentamento. No entanto, dentro da filosofia do livro verde, emoções não poderiam nem concordar nem discordar do racional. Isso é o oposto do que acontece na visão clássica do

<sup>8</sup> Para Lewis, o Tao é a condensação de elementos presentes em pensamentos de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho e dos princípios de religiões como Hinduísmo, Taoísmo e Judaísmo. O termo, em parte deslocado de seu sentido religioso original, em parte não, viria a significar o que muitas pessoas chamam de Lei Natural, Moralidade Tradicional, Primeiros Princípios da Razão Prática, Primeiras Trivialidades etc. (Lewis, 2017, p. 45). Ao fazer uso desse termo de origem oriental, Lewis mostra que o logocentrismo não seria uma ideia exclusivamente ocidental.

<sup>9</sup> “We moderns are apt to say something is good because we value it, a crucial and highly problematic reversal of the idea found in the ancients that we cherish something because of its goodness.”



mundo greco-romano, de acordo com a qual o autor evidencia que, ao afirmar que a cascata é “sublime”, o turista faz um comentário que vai além da própria emoção que ela lhe causa, assim como “dizer que um sapato serve é falar não apenas do sapato, mas também dos pés” (Lewis, 2017, p. 25). A consequência, então, da dicotomia que coloca em oposição razão e emoção acaba por ser o mundo dos fatos sem qualquer tipo de valor, ao mesmo tempo em que ao mundo dos sentimentos é negado qualquer traço de verdade.

A posição de C. S. Lewis impede que tal cenário ocorra. Para ele, podemos perceber se nossas emoções estão em harmonia com o *Tao* ou não, e é exatamente esse fator o responsável por conferir-lhe racionalidade. Dessa forma, mesmo que haja uma diferença fundamental entre juízos de valor e emoções – as quais podem ser objeto de julgamento valorativo –, ou seja, que estas sejam *alógicas*, as emoções podem, sim, ser “racionais ou irracionais” quando se conformam ou deixam de se conformar à razão. Finalizando a palestra, C. S. Lewis (2017, p. 28-29) diz:

A cabeça governa os membros inferiores por meio do peito – que é o trono, de quem nos fala Alanus, da Magnanimidade<sup>10</sup>, de emoções organizadas pelo treinamento do hábito para ter sentimentos estáveis. Sentimento-Magnanimidade-Peito – esses são os oficiais da relação amorosa entre o homem cerebral e o visceral, pois pelo intelecto ele é simples espírito, e por seu apetite, mero animal.

“Homens sem peito” seria, basicamente, o fruto da aplicação do tipo de educação escolar que o livro verde fornece. Os ditos intelectuais de seu tempo não possuíam “excesso” de pensamento, mas, sim, um peito atrofiado: “Suas cabeças não são maiores do que as ordinárias; é a atrofia do peito, que se situa abaixo, que os faz parecer assim” (Lewis, 2017, p. 29). Assim, carecem de emoções férteis e generosas. A falsa ideia de que seu racionalismo e apego cego ao cientificismo fazia deles mais devotos da busca pelo conhecimento e pela verdade é, inclusive, contraditória, afinal essa devoção não pode ser sustentada sem algum tipo de sentimento, como afirma Lewis. É só quando aprendemos a integrar o intelectual e o afetivo em sentimentos verdadeiros, localizados no “peito”, que nos descobrimos realmente como seres humanos. A educação que Gaio e Tito promovem é desumanizadora porque gera “homens sem peito”, pássaros que têm apenas a cabeça e a barriga, e, por isso são incapazes de unir o seu “eu cerebral” com o seu “eu visceral” por meio do tórax, a atitude definitivamente humana.

### 3 O quadro

Eustáquio gostava de animais, especialmente de besouros quando estavam mortos e espetados num cartão. Também gostava de livros instrutivos, com gravuras em que se podiam ver armazéns para guardar cereais ou robustas crianças estrangeiras fazendo ginástica em escolas-modelo (Lewis, 2009, p. 403).

Eustáquio Clarêncio Mísero<sup>11</sup>, cujos pais eram descritos como “gente moderna” e de “ideias abertas”, representa os ideais secularistas do século XX. Como afirma Angus Menuge (2006, p. 189), ele seria justamente aquele indivíduo que:

vê o mundo como uma espécie de armazém de coisas físicas que a ciência pode usar para o progresso humano, [...]. Sem imaginação e fechado para o sobrenatural,

<sup>10</sup> Faz referência a Platão em “A República”.

<sup>11</sup> Personagem de A Viagem do Peregrino da Alvorada, quarto volume de “As Crônicas de Nárnia” (2009).



Eustáquio é um esnobe cronológico (aquele que pensa que as novas ideias são sempre melhores que as velhas) que lê livros “que têm muito a dizer sobre exportação e importação e governos e escoamentos”, mas nada sobre “dragões”. [...] Arnaldo e Alberta [seus pais] providenciam para que Eustáquio estude e frequente uma escola “científica” moderna, o “Colégio Experimental”, no qual os meninos briguentos que provocam os outros são vistos como “casos psicológicos interessantes”.

Segundo Menuge, esse colégio seria o tipo que produz os “homens sem peito” mencionados por Lewis. Podemos observar isso quando o jovem começa a zombar de seus primos – Lúcia e Edmundo – acerca do que acredita ser fruto da imaginação deles: as terras de Nárnia. O narrador nos conta que, por ser “bestalhão demais para imaginar seja lá o que fosse, não via a menor graça” (Lewis, 2009, p. 405). A fim de ridicularizá-los, ele elabora uns versinhos<sup>12</sup>. No entanto, um dos aspectos interessantes dessa cena é o que acontece logo em seguida: Eustáquio, apesar de demonstrar possuir “conhecimento técnico” sobre poesia, não parece ser “afetado” por aquilo que chamaríamos de “poético” ou, até mesmo, de “artístico”<sup>13</sup>. Isso fica evidente pela forma com a qual ele lida com o quadro que os primos observavam no quarto. Enquanto a família o despreza, Edmundo e Lúcia contemplam a obra e desfrutam de todos os seus detalhes. Quando perguntada sobre o motivo para gostar do quadro, Lúcia responde: “o navio parece que está andando, a água parece mesmo molhada, e as ondas sobem e descem” (Lewis, 2009, p. 405). C. S. Lewis brinca com essa ideia de “afetação” e faz o quadro invadir o quarto literalmente: a água começa a escorrer pelas bordas da moldura e o ambiente fica completamente inundado. É dessa forma que as crianças são transportadas para Nárnia.

Tendo em vista que o mundo de Nárnia<sup>14</sup> seria uma espécie de simbologia para o que chamamos de “transcendente”, uma das leituras possíveis para essa cena seria ver o quadro como um “meio” pelo qual somos tocados e atraídos por algo que foge do “âmbito material”. Isso está de acordo com a forma como Lewis vê tanto a arte como a literatura. Essa “invasão” ou “afetação” vivenciada pelos personagens aponta para um tipo específico de anseio presente nos seres humanos, um sentimento de alegria, fundamental para a Filosofia do Desejo de C. S. Lewis. Tal filosofia nos apresenta essa alegria como sendo relacionada ao conceito alemão *Sehnsucht*<sup>15</sup>. Acerca disso, Peter Kreeft (2005, p. 109, tradução nossa) explica ser “o anseio misterioso por não sabemos o quê, [...], o nosso desejo inato pelo transcendente, pelo perfeito, pelo mais<sup>16</sup>”<sup>17</sup>. Tal desejo não é por algo que possa ser possuído, mas, sim, um desejo que “nos possui”, assim como ocorre com Lúcia e Edmundo quando observam o quadro: não se trata de uma relação utilitária, mas de “afetação”. Essa diferença pode ser observada nas posteriores palestras de Lewis em “A abolição do homem” por meio da ideia de que, ao “desencantarmos” aquilo que é natural rejeitando sua realidade mística, “reduzimos as coisas à mera natureza *a fim de que* possamos ‘conquistá-las’” (Lewis, 2017, p. 69): “Não olhamos para as árvores como se fossem dríades ou objetos bonitos, enquanto as derrubamos e cortamos em tábuas” (Lewis, 2017, p. 68).

<sup>12</sup> “Uns meninos que brincavam de Nárnia / Foram ficando cada vez mais birutas...” (Lewis, 2009, p. 405)

<sup>13</sup> “– Pra começo de conversa, *Nárnia* e *birutas* não rimam – disse Lúcia. / – É uma rima toante – disse Eustáquio. / – Não pergunte para ele o que é isso! Está doido para que você pergunte! Não fale nada, talvez assim ele se mande.” (Lewis, 2009, p. 405, grifo do autor)

<sup>14</sup> Mundo “mágico” para onde os protagonistas são transportados.

<sup>15</sup> Termo usado por autores alemães de tradição romântica.

<sup>16</sup> O termo, aqui, possui sentido qualitativo, não quantitativo.

<sup>17</sup> “[...] the mysterious longing for we-know-not-what, our lover’s quarrel with the world, our innate desire for the transcendent, the perfect, the more.”



Esse contraste, segundo Kreeft (2005, tradução nossa), pode ser percebido também nos personagens da literatura mítica de J. R. R. Tolkien. Enquanto os vilões da obra almejam poder e tecnologia, outros personagens – como os Elfos – desejam algo “perdido” e “edênico” que não pode ser bem definido, muito menos possuído. Isso se reflete em diversos símbolos: no anseio pela água<sup>18</sup>, pelas estrelas e no fascínio pelo passado – justamente por seu aspecto de “intangibilidade”. Seu poder está não no futuro, mas na transcendência em relação à toda *história*. O conceito utilizado para explicar essa ideia é o que Lewis explicita em seu livro “Até que tenhamos rostos” (Lewis, 2021) e “O regresso do peregrino” (Lewis, 2019), onde ressalta dois pontos: (1) o próprio “esperar” pelo objeto desejado, nesse caso, é um deleite. (2) existe um aspecto misterioso acerca desse objeto. Além disso, na figura do galante rato narniano Ripchip, defende Steven Lovell (2006, p. 60), também encontramos fragmentos da Filosofia do Desejo: “Embora Ripchip tivesse partido com Caspian só por questão de coragem e lealdade, seu principal motivo para se juntar à tripulação foi algo muito diferente”. Em dado momento da história, o pequeno animal recita os seguintes versos:

*Onde o céu e o mar se encontram,  
Onde as ondas se adoçam,  
Não duvide, Ripchip,  
Que no Leste absoluto está  
Tudo o que procura encontrar.*

– Não sei o que isso significa [diz o rato], mas esse sortilégio me perseguiu a vida toda (Lewis, 2009, p. 411, grifo do autor).

No entanto, o que Peter Kreeft (2005, p. 117, tradução nossa) afirma sobre J. R. R. Tolkien vale, também, para C. S. Lewis. Segundo ele, Tolkien não apenas apresentou personagens afetados por esse “inconsolable longing”: ele queria que a própria obra *O senhor dos anéis* (2021) tivesse esse efeito em nós.

Em “Árvore e folha”, Tolkien (2017) defende que a fantasia estimula e satisfaz esse desejo misterioso por meio de três aspectos: recuperação, escape e consolo. Acerca disso, temos o seguinte:

- a) Recuperação: uma espécie de “reencantamento” do mundo. Voltar a “ver as coisas como devemos (ou deveríamos vê-las)”. Para isso, “precisamos limpar nossas janelas, para que as coisas [...] possam ficar livres da nódoa opaca da trivialidade ou da familiaridade – da possessividade” (Tolkien, 2017, p. 56).
- b) Escape: por que haveríamos de “desdenhar” de “um homem se, estando na prisão, ele tenta sair e ir para casa”? Ou, de um homem que, “quando não pode fazê-lo, pensa e fala sobre outros assuntos que não carcereiros e muros de prisão” (Tolkien, 2017, p. 58)?
- c) Consolo: eucatástrofe, a alegria do final feliz. Não nega a existência “da discatástrofe, do pesar e do fracasso; a possibilidade destes é necessária à alegria da libertação”, mas nega “a derrota final e universal”. Quando chega a “virada” repentina, “temos um vislumbre intenso da alegria e do desejo do coração, que por um momento ultrapassa a moldura, rompe de fato a própria teia da história e deixa passar uma centelha” (Tolkien, 2017, p. 66-67).

---

<sup>18</sup> A água, sendo esse símbolo transcendente para o anseio humano, também carrega universalmente uma relação com a ideia da morte (Kreeft, 2005, p. 115).



A junção desses três aspectos é o que fundamenta o bom conto de fadas. É essa “Alegria” mencionada que, segundo J. R. R. Tolkien, seria a “marca do verdadeiro conto de fadas” – marca cuja qualidade peculiar “pode ser explicada como um repentino vislumbre da realidade ou verdade subjacente” (Tolkien, 2017, p. 68). Essa ideia de “verdade” fica clara quando vemos o seu pensamento acerca dos “mitos”. Apesar de Lewis ter uma vez defendido os mitos como sendo mentiras envoltas em prata, ele foi capaz de “religar” o seu “mundo da razão com o mundo da imaginação” graças a uma conversa com seu amigo Tolkien (Mcgrath, 2013, p. 168-169). Como afirma Maurício Avoletta (2024) em sua dissertação sobre “A Queda de Númenor” (Tolkien, 2022, p. 39), “Para Tolkien, assim como para Lewis [...], os mitos não são invenções mentirosas, mas lampejos de uma realidade”: o mito seria uma narrativa que “contém verdades”. Alister McGrath (2013, p. 169) explica que o mito consiste em uma

história que transmite “coisas fundamentais”; em outras palavras, que tenta nos falar sobre a estrutura mais profunda das coisas. [...] Para Tolkien, um mito desperta em seus leitores o desejo por algo situado além de seu alcance. Os mitos têm uma capacidade inata de expandir a consciência dos leitores, permitindo-lhes ir além de si mesmos. Na melhor das hipóteses, eles oferecem o que Lewis mais tarde denominou “um real embora desfocado vislumbre da verdade divina incidindo sobre a imaginação humana”<sup>19</sup>.

De forma semelhante, a Fantasia<sup>20</sup>, sendo ela “feita do Mundo Primário” (Tolkien, 2017, p. 57), oferece-nos um contato com aspectos metafísicos da realidade. Peter Kreeft (2005, p. 35, tradução nossa) defende que J. R. R. Tolkien nos mostra a natureza do mundo real por meio de suas histórias: “Ele está fazendo uma declaração sobre a realidade, sobre o ser, sobre a metafísica”. Em outro momento, ele escreve: “Explorar o mundo de Tolkien não foi apenas interessante [...]. Foi pura alegria. Pois sabíamos que ali havíamos tocado a verdade. Este livro foi um retorno ao lar. Este livro partiu nossos corações.” (Kreeft, 2005, p. 9, tradução nossa). O mesmo acontece com as histórias de C. S. Lewis: afinal, o bom criador de mitos desperta nosso anseio – *longing* – por esses arquétipos que se encontram nas profundezas da mente humana “através do uso de uma linguagem mágica: a linguagem do mito” (Kreeft, 2005, p. 48).

#### 4 Fantasia e os transcendentais

A defesa que C. S. Lewis faz do papel dos sentimentos e emoções por meio da figura do peito em “A abolição do homem” possui uma estreita ligação com o *inconsolable longing* existente no ser humano. Em sua primeira palestra, vimos o quão fundamental na argumentação de Lewis eles eram para o reconhecimento de valores estéticos e morais. Nesse mesmo sentido, ao olharmos para o ser humano em seu relacionamento com a realidade, devemos olhá-lo como um todo: cabeça, peito e vísceras (Lewis, 2017, p. 28-29); racionalidade, emoção e vontade atuando de forma conjunta. Vemos o reflexo desse relacionamento na ênfase que Lewis dá – tanto em suas produções ficcionais como não ficcionais – à interconexão dos três transcendentais: a Beleza, a Verdade e a Bondade (Pelser, 2017, p. 16). É pela mente que conhecemos e compreendemos o Bem, pela vontade que o escolhemos e o reforçamos, assim

<sup>19</sup> Referência que McGrath faz a uma carta que Lewis enviou ao seu amigo Arthur Greeves em 1931.

<sup>20</sup> Por mais que exista uma diferença de aplicação que Tolkien faz dos conceitos *Contos de Fadas* e *Fantasia*, ela acaba por não ser relevante para o artigo em questão. Em razão disso, os termos estão sendo utilizados como sinônimos para fazer referência à literatura fantástica.



como é papel das emoções amá-lo e apreciá-lo (Kreeft, 2017, p. 18, tradução nossa). Como podemos enxergar a sua materialização na literatura de C. S. Lewis?

“Não desejamos meramente ver a beleza”, escreve C. S. Lewis; queremos “algo mais que não pode ser posto em palavras – ser unidos à beleza que vemos, estar nela e recebê-la em nós mesmos, nos banhar nela, nos tornar parte dela” (Lewis, 2017, p. 47). Seria, então, por essa razão que “povoamos o ar, a terra e a água com deuses e deusas, ninfas e elfos – para que, embora não consigamos, ainda assim essas projeções possam apreciar em si mesmas aquela beleza, graça e poder de que a natureza é imagem” (Lewis, 2017, p. 47).

Ao pensarmos na ideia da Natureza como sendo “uma imagem”, “um símbolo” (Lewis, 2019, p. 48), não podemos deixar de retornar às influências do neoplatonismo<sup>21</sup> presentes no pensamento de Lewis. Ele mesmo escreve que o simbolismo veio até nós pela Grécia com os diálogos de Platão: “O Sol é a cópia do bem. O tempo é a imagem móvel da eternidade. Todas as coisas visíveis existem apenas na medida em que conseguem imitar as Formas.” (Lewis, 1958, p. 45-46, tradução nossa). Dessa forma, olhando para as noções platônicas de “mundo sensível e mundo das ideias” que foram absorvidas e influenciadas pela filosofia Medieval, percebemos que “verdade”, “bondade” e “beleza” não são apenas frutos de nossas ideias subjetivas do que seria verdadeiro, bondoso ou belo. Existiria a beleza “ela mesma”, objetiva, a verdadeira beleza: universal e imutável essência da beleza “ela mesma”. No entanto, esses transcendentais participam do campo material estando como que refletidos ou compartilhados de diferentes formas na realidade (Kreeft, 2005, p. 40-41, tradução nossa). É nesse ponto que podemos falar em uma literatura fantástica potencialmente mais “real” do que produções literárias de cunho realista (McGrath, 2013, p. 295): “[...] ‘real’ (crível, natural, convincente, autêntico), não por se conformar ao mundo físico [...] mas por se conformar às Ideias Platônicas” (Kreeft, 2005, p. 44, tradução nossa). A fim de evidenciar essa relação, Kreeft (2005, p. 45, tradução nossa) descreve *O senhor dos anéis* da seguinte maneira:

[...] Tudo parece ser mais em si mesmo, mais platônico. A terra é mais terrena, a natureza é mais natural, a história é mais histórica, as genealogias mais genealógicas, a tragédia mais trágica, a alegria mais alegre, as cavernas mais cavernosas, as florestas mais florestais e os heróis mais heroicos. [...] As florestas de Tolkien não nos lembram as nossas; as nossas nos lembram as dele.

No entanto, ele afirma, isso não faz dos personagens e figuras, em hipótese alguma, seres unidimensionais, sem falhas e tentações: eles possuem individualidade e características próprias (Kreeft, 2005, p. 45). O mesmo acontece em *As crônicas de Nárnia*. Os personagens possuem falhas assim como qualidades, crescem e se desenvolvem: não são estáticos, muito menos passivos. Pelo contrário, não recebem “respostas prontas” dos mais velhos, mas incentivos à reflexão e à disposição para agir segundo as habilidades próprias de cada um (Brown, 2006, p. 96-97). Nesse sentido, não seriam seres “perfeitos” e “ideais”, mas seres que servem como símbolo, refletem e apontam para algo que está além deles mesmos, algo para o que seriam um veículo. No entanto, se isso for verdade, seria correto dizer que as personagens e universos de Lewis podem ser reduzidos a simples alegorias ou “sombras”, vítimas do simbolismo e, por isso, meros “veículos de uma mensagem” a ser passada? Para responder a esse questionamento, precisamos antes analisar duas questões: (1) o que o próprio Lewis diz

<sup>21</sup> “Está tudo em Platão, tudo em Platão... Caramba! Gostaria de saber o que essas crianças aprendem na escola” (Lewis, 2005, p. 730).

sobre o assunto; (2) como o seu conceito de simbologia se relaciona com os transcendentais, com a metafísica platônica.

No prefácio de “Sobre histórias”, encontramos a seguinte passagem: “[...] seus romances interplanetários e suas histórias narnianas começaram com ele ‘vendo imagens’ em sua mente. Nunca, como ele afirma, *começou* uma história com uma ‘mensagem’ ou uma ‘moral’; elas surgiam durante o processo de escrita” (Lewis, 2018, p. 20, grifo do autor).

Muito se tem criticado o uso de histórias – especialmente as infantis – para fins moralizantes (Ghiggi; Chaves; Schneider, 2018). Segundo esse pensamento, a literatura não possui função pedagógica. Essa temática é recorrente ao tratar-se de *As crônicas de Nárnia* em alguns ambientes religiosos: a visão “popular” da obra acaba por ser a de que C. S. Lewis teria criado uma “alegoria cristã” com o intuito de “passar uma mensagem” específica. A acusação não é nova, muito menos inovadora. O próprio Lewis precisou reagir diante dessas críticas sobre o seu universo ficcional. Sua rejeição a essas afirmações se dá por meio da distinção entre os conceitos de *suposição* e *alegoria*. “Uma suposição é um convite a tentar ver as coisas de outra maneira, e imaginar como elas funcionariam se fossem verdadeiras” (Mcgrath, 2013, p. 293). Segundo Alister McGrath, Lewis convida seus leitores a entrar em um mundo de suposições, não de alegorias: “Algumas pessoas parecem pensar que comecei me perguntando como poderia dizer algo sobre o cristianismo às crianças; [...]” Depois, diz ele, “elaborei uma lista de verdades cristãs básicas e moldei ‘alegorias’ para incorporá-las. Isso tudo é pura bobagem.” (Lewis, 2018, p. 92). Como seu pensamento incorpora, então, a simbologia dos transcendentais responsável por afetar diretamente o desejo inconsolável existente no ser humano?

Em seu artigo *Beastly Metaphysics: The Beasts of Narnia and Lewis’s Reclamation of Medieval Sacramental Metaphysics* (“Metafísica Bestial: As Bestas de Nárnia e a Reivindicação da Metafísica Sacramental Medieval por Lewis”), Michael P. Muth (2017) afirma que a beleza responsável por evocar nosso *inconsolable longing* nas crônicas de Lewis é explicada com a visão metafísica do pensamento simbólico não apenas de Platão, mas, também, de Santo Agostinho, sendo justamente esse o fator que não permite a redução dos personagens e elementos da narrativa a meras simbologias. O artigo destaca que, dentro do pensamento de Platão, encontraríamos uma espécie de apagamento da criatura<sup>22</sup> material em relação à Ideia/Forma. Não existe pessoalidade, afinal, todo o universo físico é uma mera sombra daquilo que seria “verdadeiramente” real (Muth, 2017, p. 293): “Para Platão, uma entidade individual, [...], carece de integridade criacional: é apenas uma sombra ou uma cópia de uma Forma, e sua importância epistemológica e ontológica se esgota quando compreendemos a Forma” (Muth, 2017, p. 292, tradução nossa).

De semelhante modo, temos, no pensamento cristão, a dependência ontológica do Criador em relação às criaturas. Porém, Lewis não parece satisfeito com a concepção platônica de dependência entre esses elementos. Uma de suas razões para isso é “[...] a tendência de apagar criaturas individuais como meras aparências de entidades intermediárias, uma vez que não possuem a realidade das Formas, e sua [...] incapacidade de a beleza estar nelas” (Muth, 2017, p. 291, tradução nossa). Isso não acontece no pensamento agostiniano de C. S. Lewis: nas crônicas, “podemos experimentar o ser, a bondade, a verdade e a beleza da Causa última [o Ser divino, Deus] nas criaturas suspensas e também através destas. Mas a criatura não é apagada

---

<sup>22</sup> Michael P. Muth refere-se especificamente aos personagens “animais”, temática abordada por ele no artigo. No entanto, a ideia defendida pelo autor está, aqui, sendo estendida aos demais personagens.



como resultado” (Muth, p. 292, tradução nossa, comentário nosso). Partindo dessa concepção acerca da realidade das coisas, Lewis não é “utilitarista” na criação de seus personagens. Como ele mesmo disse, “Tudo começou com imagens”, e ainda sobre sua própria fé cristã ele escreve que “esse elemento apareceu por vontade própria. Fazia parte da ebulição” (Lewis, 2018, p. 92). Suas peculiaridades e comportamentos – a aparência ou “superfície” das criaturas – não são negados pelo simbolismo:

Sob a superfície existem profundezas de significado, beleza, bondade, verdade; mas as profundezas não negam ou sobrecarregam a superfície – elas a sustentam e glorificam, de modo que superfície e profundidade, profundidade e superfície, se sustentam mutuamente, brilhando uma através da outra (Muth, 2017, p. 293, tradução nossa).

Por fim, é por meio da figura de Aslan – não “apenas” um leão, mas *O Leão* – que Lewis rompe com o platonismo em favor de algo agostiniano/bíblico: temos a *Forma* não como propriedade contida em algum objeto, mas como “ela mesma” (Muth, 2017, p. 295), “A própria beleza, a fonte de toda a beleza no mundo imaginário de Lewis, está viva em Nárnia. [...] Como beleza viva, Aslan é o objeto do desejo final e corretamente ordenado” (Muth, 2017, p. 296, tradução nossa).

## 5 Considerações finais

Em resposta ao pessimismo literário do pós-guerra e a exclusão do metafísico, a literatura fantástica de C. S. Lewis revela-se como uma alternativa a um mundo racionalista e desencantando, onde as emoções e a imaginação eram vistas como impeditivos para se alcançar a verdade. Ao invés de abandonar a noção de verdade e valores objetivos, é justamente por meio dela que Lewis defende a relação razão-emoção-vontade como sendo fundamental para a existência humana. Nossas reações emocionais, juntamente com a ideia de *Sehnsucht*, acabam por revelar que as metáforas, ao invés de meras “mentiras” sentimentalistas, são, na verdade, manifestações de algo próprio da natureza humana e da realidade em que vivemos. No entanto, como ele mesmo afirma, “Quase todo o nosso sistema educacional tem sido direcionado no sentido de silenciar essa tímida e persistente voz interior” (Lewis, 2017, p. 36).

É por meio da literatura fantástica de Clive Staples Lewis e John Ronald Reuel Tolkien que encontramos uma forma de reencantar um mundo racionalista e desencantado. Suas narrativas, ao invés de serem um escapismo simplório ou meras alegorias, conjugam elementos simbólicos e emocionais e, assim, articulam uma relação profunda entre o humano e o transcendente. Por meio de seus universos fictícios eles reestruturam a experiência humana de valores universais, demonstrando que a arte e a literatura não apenas refletem, como também transformam a nossa maneira de enxergar e vivenciar o mundo. Em outros termos, elas reconfiguram a maneira como vemos o cotidiano, devolvendo-lhe a mística e o significado que constantemente se perdem em visões puramente materialistas. Assim como a transcendência está refletida no mundo, ela acaba por se fazer presente, também, na literatura fantástica. É por essa razão que vemos tanta “realidade” em seus textos: eles são como janelas que nos possibilitam alcançar a realidade diante de nós em sua verdadeira profundidade.

Desse modo, além de encontramos um resgate da fantasia literária na experiência humana por meio desses autores, ainda temos a evidência de como o debate acerca dos valores

defendidos por eles permanecem sendo atemporais. Desde antes dos filósofos gregos, até os dias atuais, nos mais diferentes contextos e culturas, debatemos, consumimos, apreciamos e nos envolvemos com a moralidade, o conhecimento e a estética. Em um contexto literário contemporâneo, onde a arte e a literatura continuam a conversar com as complexidades da existência, suas obras oferecem grandes contribuições para diálogos sobre como esses valores possuem relação com o que significa ser humano em seu relacionamento com a realidade. Assim, a fantasia, ao invés de se tornar uma fuga, torna-se um meio poderoso para que possamos compreender e transformar a realidade, mantendo-se indispensável na construção de uma visão de mundo mais rica, significativa e valorativa.

## Referências

AVOLETTA JÚNIOR, Maurício. **Literatura e religião**: Apocalipse e teoria mimética em A Queda de Númenor de J. R. R. Tolkien. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

BASSHAM, Gregory. Lewis and Tolkien on the Power of the Imagination. *In*: BAGGETT, David; HABERMAS, Gary R.; WALLS, Jerry L. (ed.). **C. S. Lewis as Philosopher**: Truth, Goodness, and Beauty. 2. ed. [S. l.]: Liberty University Press, 2017. cap. 18, p. 299-314.

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Tradução de F. M. Martins. Rio de Janeiro: L&PM, 2010.

BROWN, Devin. Trabalho, vocação e a boa vida em Nárnia. Separata de: BASSHAM, Gregory; WALLS, Jerry L. **As Crônicas de Nárnia e a Filosofia**: O leão, a feiticeira e a Visão de Mundo. São Paulo: Madras, 2006. cap. 7, p. 89-100.

GHIGGI, Gomercindo; CHAVES, Priscila Monteiro; SCHNEIDER, Daniela da Cruz. **A literatura infantil entre a experiência estética e a educação moral**. Educação, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 437-445, set.-dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.3.26054>.

GIROLA, Maristela Kirst de Lima. O humano desumanizado num mundo sem sentido: Samuel Beckett e o herói absurdo. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 55-61, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647006>. Acesso em: 10 out. 2024.

GIROLA, Maristela Kirst de Lima. **O Senhor dos Anéis**: da Fantasia à Ética. Viçosa, MG: Ultimato, 2003.

HIGGINS, C. Work and Flourishing: Williams' Critique of morality and its implications for professional ethics. **Journal of Philosophy of Education**; v. 44, n. 2-3, p. 211-236, 2010.

LO IACONO, Giovanna Figueiró. **Valores em um mundo encantado**: uma leitura de A abolição do homem de C. S. Lewis. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.



PELSER, Adam C. Philosophy in The Abolition of Man. *In*: MOSTELLER, Timothy M.; ANACKER, Gayne John. **Contemporary Perspectives** on C.S. Lewis “The Abolition of Man”: History, Philosophy, Education, and Science. 1. ed. [S. l.]: Bloomsbury Academic, 2017. cap. 1, p. 5-24.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **A queda de Númenor**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TURLEY, Steve. **Educação Clássica vs Educação Moderna: A Visão de C. S. Lewis**. São Paulo: Trinitas, 2018.

Recebido em agosto de 2025

Aprovado em outubro de 2025